

Piores trechos da malha viária estão na Zona Norte

Mapeamento com uso da IA já percorreu 52% das ruas de Porto Alegre



SMSURB/DIVULGAÇÃO/JC

Traçado percorrido representa 2 mil quilômetros; meta é atingir os 100% ainda neste primeiro semestre

/ MOBILIDADE URBANA

Fabrine Bartz
fabrineb@jcrs.com.br

Com o uso da Inteligência Artificial (IA), metade da malha viária de Porto Alegre já foi mapeada pelo Sistema de Gestão Integrada de Pavimentos (Gipav-POA). A porcentagem representa 2 mil quilômetros, e a meta é atingir 100% ainda no primeiro semestre deste ano. O sistema é gerenciado pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SMSurb) e utiliza 30 veículos equipados com sensores de trepidação e uma câmera no para-brisa.

O sistema, que entrou em operação em outubro do ano passado, mapeia a condição das vias, identificando buracos, valetas, remendos, deformações e trincamentos, que são encaminhados para as equipes de reparos. Segundo o levantamento, 46% das ruas e avenidas mapeadas estão em ótimas/boas condições; 22% em condições regulares; 32% em mau estado.

“Consideramos um trecho mapeado depois que o veículo passa duas vezes pelo local. Também estamos identificando qual é o tipo de pavimento, porque isso terá uma alteração na identificação, se o pavimento é primário, paralelepípedo ou asfalto”, detalha o secretário da SMSurb, Vitorino Baseggio.

Os três piores trechos estão localizados na Zona Norte. No topo da lista, está a avenida Martim Felix. Dos 3 km percorridos, apenas 300 metros são considerados bons. O restante é classificado como péssimo, ruim e regular. As avenidas Palmira Gobbi e José Aloísio Filho também apresentam os piores tre-

Piores trechos

Avenida Martim Felix Berta: 3,1 km percorridos. Destes, 1,4 km é péssimo, 1 km é ruim, 405 m são regulares e 300 m estão bons

Avenida Palmira Gobbi: 1,6 km percorrido. Destes, 1,4 km é péssimo, 100 m estão ruins e 100 m são regulares

Avenida José Aloísio Filho: 1,7 km percorrido. Destes, 1,3 km é péssimo e 416 m são ruins

Melhores trechos

Avenida Edgar Pires de Castro: 12,1 km percorridos. Destes, 7,6 km estão ótimos; 4,1 km bons e 300 m regulares

Estrada São Caetano: 6 km percorridos. Destes, 5,5 km são ótimos e 500 m estão bons

Estrada Afonso Lourenço Mariante: 6,1 km percorridos. Destes, 3,3 km estão ótimos; 2,4 km são bons; 309 m estão regulares e 100 m estão péssimos

chos mapeados até o momento.

Já a avenida Edgar Pires de Castro, na Zona Sul, apresenta o melhor trecho da Capital, seguida pelas estradas São Caetano, no Extremo Sul, e Afonso Lourenço Mirante, na Zona Leste. Entre as avenidas que já passaram por intervenções após o levantamento está a avenida Bento Gonçalves, também na Zona Leste.

A avenida Cristiano Kraemer, na Zona Sul, apontada como uma das vias em condições precárias, terá o pavimento recuperado entre a avenida Juca Batista e a Estrada das Três Meninas neste mês. “A Cristiano Kraemer era uma das piores vias. Então, comprovamos aquilo que já sabíamos. Já estávamos no processo de contratação de revitalização”, complementa o secretário.

Segundo Baseggio, o sistema irá interligar as informações à plataforma 156+POA para ordem de início das obras. “O sistema identifica, mas ainda precisamos de uma pessoa para verificar. A ideia é que no futuro seja feito de forma automática”. A expectativa é que a conclusão dessa etapa ocorra no início do próximo semestre. O investimento da prefeitura para os primeiros dois anos do uso da tecnologia é de R\$ 5,7 milhões. O recurso faz parte de um financiamento de R\$ 60 milhões junto ao Banco do Brasil, liberado em 2022.

Com fim do prazo, moradores do Sarandi pedem soluções habitacionais

/ HABITAÇÃO

Fabrine Bartz
fabrineb@jcrs.com.br

“Mil reais não sustenta uma casa”, constava em uma faixa pendurada no bairro Sarandi, na Zona Norte de Porto Alegre, um dos mais impactados pela enchente de maio. A faixa - que faz referência ao programa “Estadia Solidária”, da prefeitura -, reivindica a situação da comunidade, que deveria deixar o espaço até ontem para construção de obras emergenciais.

Inicialmente, o prazo para que as 57 famílias que ainda residem na rua Aderbal Rocha de Fraga desocupem o local se encerraria no dia 28 de fevereiro e foi prorrogado. No entanto, as medidas adotadas ainda não estão claras, segundo o presidente Maurício Soccol Lorenzatto, da Associação de Atingidos Pela Enchente do bairro Sarandi.

De acordo com ele, a prefeitura irá fazer uma “intervenção provisória” em um pedaço do dique, “impactando às famílias que já fazem parte de uma área de reassentamento das obras definitivas

do governo federal”. Ainda segundo o presidente da associação de moradores, “o calendário é quase inexistente. A única data se refere a junho, quando o governo do Estado deve fazer um estudo para obra definitiva”.

Enquanto isso, as obras do dique do Sarandi são realizadas pela prefeitura e os moradores questionam o calendário. “O primeiro motivo é que ele não condiz com o próprio trabalho realizado pela prefeitura. O segundo é que já existia uma intervenção provisória e, hoje, o rio Gravataí - que causou a inundação -, vive a maior seca dos últimos 10 anos”, pontua Lorenzatto.

O Departamento Municipal de Habitação (Demhab) reforçou que seguirá trabalhando por meio do diálogo com as famílias. Conforme a pasta, das 57 famílias, 47 estão confirmadas no programa Compra Assistida, mas apenas 25 assinaram o contrato que autoriza a demolição.

Além da reivindicação na manhã desta segunda-feira, alguns moradores participaram de uma reunião com uma equipe jurídica da Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares (Renap).



JOÃO GABRIEL PEZZINI/ARQUIVO PESSOAL/JC

Moradores se reuniram ontem para reivindicar as medidas adotadas

Com obras definitivas, sistema de diques chegará aos sete metros

Assim como no primeiro trecho, o dique do Sarandi ficará até 1,50m mais alto. De acordo com o Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae), o sistema terá 5,8 m de altura, superior a cota de 5,50 m atingida na cheia de 2024.

Em maio do ano passado, a estrutura rompeu e ocasionou alagamentos em grande parte do bairro da Zona Norte. Antes das intervenções, a cota variava entre 4 e 4,5 m. A primeira etapa das obras foi concluída em janeiro deste ano, já as intervenções no segundo trecho dependem da

questão habitacional. Os trabalhos iniciaram em agosto e fazem parte das obras emergenciais. Posteriormente, a obra deve chegar aos sete metros.

“É uma negociação intensa e complexa por envolver o dinheiro estadual, os projetos do governo municipal e a necessidade de reassentamento, além dos laudos e dos recursos principais do governo federal”, avalia o diretor-executivo do Dmae, Vicente Perrone. Além do dique no Sarandi, Perrone destaca a reconstrução do dique da Fiergs.